

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JUNHO / 1985

Pregar a Cristo

Pág. 4

Os Factos Contra a Evolução

Pág. 9

A Importância da Educação Cristã

Pág. 13

IV. Jesus, a Graça e a Lei

Pág. 14



Deus, o Mar e Eu

Quisera saber ler no mar, que eu vejo e temo,
Todo o carinho que ele traz em seu vigor
Quando, submisso, conduz o barco a remo
Com seu dono, o modesto pescador.
O pescador humilde que no mar confia
E nele procura o pão dos filhos que já tem,
Arrancando ao seio do mar, dia após dia,
Os peixes, que do mar os filhos são, também.
Como ele é generoso e pródigo no dar
E de seus próprios filhos o seu batel encheu...
Ficando, os que lhe restam, terno a embalar
Enquanto chora, triste, os outros que perdeu.
Quisera poder vê-lo carinhoso e forte
Levando, em braços seus, os pobres vagabundos
Que, em desespero, por sua infeliz sorte
Procuram melhor vida em busca de outros mundos.
Quisera compreendê-lo, quando ternamente,
Leva consigo, saudosa, velha mãe,
Para reuni-la, enfim, ao seu bom filho ausente
A quem, pr'a longes terras, ele já levou também.
Quisera saber agradecer ao mar
Que às criancinhas dá tanta ventura
Quando, confiantes, nele mergulham p'ra brincar
E ele, me parece, embalá-las com ternura.
Mas não posso libertar-me da visão
Que o mar me of'rece quando em fúria impressa
As suas altas vagas ergue em turbilhão
E contra tudo e todos, cruel, as arremessa.
Não posso vê-lo, o mar, como tu vês,
Majestoso, atraente, acolhedor,
Mas contemplando-o posso crer, como tu crês
Que ele reflecte, em si, o poder do Criador.
Do Criador, do imenso Deus eterno
Que Terra, Céus e Mar p'ra ti, p'ra mim criou
E em versos simples ao Seu amor superno,
Posso dizer o que em mim o Mar ditou:
Amo-Te, meu Senhor, através do Teu amar!
Vejo-Te, meu Senhor, na extensão dos feitos Teus!
Sinto-Te, meu Senhor, na grandeza deste Mar!
Adoro-Te, meu Senhor, porque só Tu És Deus!

Maria Augusta Pires

Pensamento do mês:

«Deus revestiu a Sua igreja da plena medida de autoridade e influência no julzo e voz da Conferência Geral, quando reunida em Assembleia Geral, com representantes de todas as partes do mundo para fazer planos para a prosperidade e avanço da Sua obra. Quando assim reunida ela é a maior autoridade que Deus tem na Terra»

E. G. White

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1985

Ano XLVI • N.º 465

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18

2686 Sacavém Codex

Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual 450\$00

Número Avulso 45\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83



Conferência Geral

De cinco em cinco anos, delegados das Igrejas Adventistas do mundo inteiro reúnem-se numa sessão da Conferência-Geral. De acordo com os estatutos da Igreja, há um certo número de representantes proporcional ao número de membros de igreja de cada União. A nós, União Portuguesa, cabe-nos enviar três delegados que representem os vários ramos da Obra. Neste momento há 24 000 igrejas em todo o mundo, agrupadas em 413 Associações e 85 Uniões.

Estas reuniões são de uma importância extraordinária para a Igreja. Em primeiro lugar, para avaliar o trabalho que tem sido realizado nestes últimos cinco anos. É maravilhoso constatar como Deus tem continuado a dirigir a Sua Obra ao longo destes anos, num mundo conturbado, onde a Igreja enfrenta, por vezes, problemas e dificuldades. Não nos encontramos num mundo em que seja fácil ser cristão adventista. Há lugares onde os nossos irmãos, para viverem a sua fé, têm que suportar dificuldades, prisão e mesmo a morte. Há lugares onde é difícil a guarda do Sábado para os membros de igreja e para os seus filhos.

Assim, ao encontrarem-se, os delegados de todo o mundo podem contar quanto o Senhor tem feito pela Sua igreja.

Podem contar quantas novas igrejas se abriram, quantas conversões miraculosas se deram, quantos hospitais, clínicas, dispensários, escolas, casas para a terceira idade e para crianças, quantas horas de pregação feitas pela Rádio e Televisão, através do mundo. Constatarão como um povo de pouco mais de 4 milhões é capaz, com os seus dízimos e ofertas, de manter uma obra missionária do volume daquela que é mantida pela Igreja Adventista.

A outra parte, não menos importante, da Sessão da Conferência-Geral, é a de fazer planos para o futuro. O trabalho missionário, as actividades da Igreja têm que ser incrementadas para que esta tarefa seja rapidamente completada. É necessário que planos sábios sejam postos em prática para abreviar o cumprimento da Bem-aventurada Esperança da Volta de nosso Senhor Jesus Cristo.

A assembleia ocupar-se-á a estudar assuntos de importância, um dos quais foi objecto de consulta em todos os países do mundo — a consagração de irmãos ao pastorado. A consagração de diaconisas e anciãs será igualmente apresentado nesta assembleia da Conferência-Geral. Numa igreja onde as irmãs têm tido um papel tão preponderante



desde a sua organização e na sua manutenção, cremos que é um assunto que será encarado com o máximo interesse.

O esforço que está sendo feito para tornar a igreja menos burocrática e mais activa merecerá também, da assembleia, um acolhimento favorável. É necessário aumentar os obreiros activos no meio da Seara e diminuir os que ocupam o seu tempo em escritórios.

Finalmente, a assembleia louvará o Senhor pelo êxito da grande campanha MIL DIAS DE COLHEITA que trouxe para a Igreja mais de um milhão de almas!

Desejo pedir aos meus prezados Irmãos desta União que mantenham como assunto nas vossas orações pessoais de intercessão os trabalhos da assembleia da Conferência-Geral. O conselho que colhemos nas Sagradas Escrituras é: «Orai uns pelos outros ... A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos» Tiago 5:16.

J. Morgado

Texto: Génesis 4:3-7

O culminar do grande movimento de evangelização à escala mundial «MIL DIAS DE COLHEITA», leva-nos a reflectir, hoje, sobre a missão evangelizadora da Igreja. Será urgente evangelizar? Que mensagem deveremos transmitir ao mundo? Que pregar e como pregar?

O nosso texto para meditação fala-nos das duas classes de adoradores que sempre existiram e que continuarão a existir até ao fim. Caim pretendia adorar a Deus e salvar-se utilizando os méritos próprios. Para ele o plano de Deus não tinha interesse. As suas próprias concepções no tocante à salvação eram mais aliciantes: «*Não traria o cordeiro nem misturaria o seu sangue com a oferta, mas apresentaria os seus frutos, produtos do seu trabalho*»¹.

No altar do lado estava Abel. Sentia-se angustiado com as suas próprias faltas. Com o coração cheio de esperança, lançou mão das providências que Deus tinha tomado para a salvação do homem. Imolou o cordeiro sacrificial e colocou-o sobre o altar da sua fé, esperando que o Senhor o justificasse. E o fogo da benção desceu do céu.

São estas as duas classes de adoradores que coexistem hoje. Como Caim «*alguns pretendem que a espécie humana necessita não de redenção mas de desenvolvimento — que ela pode aperfeiçoar-se, elevar-se, regenerar-se. Assim como Caim julgava conseguir o favor divino com uma oferta a que faltava o sangue de um sacrifício, assim esperam estes exaltar a humanidade à norma divina, independentemente da expiação. ... A humanidade não tem poder para regenerar-se. Ela não tende a ir para cima, para o que é divino, mas para baixo para o que é satânico. Cristo é a nossa única esperança*»².

Por outro lado, e como Abel, a outra classe de adoradores (em que certamente nos incluímos) põe a sua confiança em Jesus Cristo, como seu Salvador pessoal e acredita que «*em nenhum outro há salvação...*»³.

O mundo em que vivemos é o mundo de Caim. Por isso, a nós que somos salvos, compete-nos o dever de evangelizar e de dar a conhecer a fé de Abel mas «*não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã*»⁴. Cristo envia-nos,

não para fazer prosélitos forçados, mas para testemunhar do Seu nome. O crescimento da Igreja não é assunto de números ou de progresso material. O real crescimento da Igreja tem a ver com a sua espiritualidade e com a força do seu testemunho num mundo que se perde.

É grande a nossa responsabilidade como crentes. Como todas as grandes cidades do mundo, a nossa está cheia de pecado, de problemas sociais, muitos deles sem remédio, de angústias e neuroses.

Por isso «*é nas cidades onde o obreiro evangélico encontra a maior impenitência e a necessidade mais premente. ... o que os servos de Deus fizerem, no sentido de advertir e preparar os homens para o dia do juízo deve ser feito com rapidez*»⁵. Alguns poderão pensar que a responsabilidade de evangelizar é algo que tem a ver com o obreiro assalariado. Mas não é esse o plano do Senhor. A obra de dar a conhecer a mensagem é o privilégio de cada crente e o seu desafio. Diz ainda o Espírito de Profecia: «*Certamente as cidades da Terra estão-se tornando semelhantes a Sodoma e Gomorra. Como um povo, necessitamos apressar o trabalho nas cidades, trabalho este que tem sido atrasado por falta de obreiros e de meios, bem como de espírito de consagração*»⁶.

Que mensagem? CRISTO!

Mas qual é a mensagem que temos por dever levar hoje ao mundo? Uma grande parte da humanidade que se diz cristã procura alicerçar a sua fé em maravilhas, em sinais sobrenaturais e em milagres de cura. Por outro lado, os homens que não acreditam em Deus põem a sua esperança num futuro melhor para a humanidade, na sabedoria científica e nos progressos da técnica. Como no tempo do apóstolo Paulo, «*os judeus pedem sinal e os gregos buscam sabedoria*». É num tempo como este que Deus nos chama a dar a verdadeira mensagem: «*Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus*»⁷.

Diz a serva do Senhor: «*Os sermões sem Cristo são como a oferta de Caim ...: Os homens não são por eles aguilhoados até ao coração; não são levados a indagar: Que devo fazer para me salvar? De todos os professos cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a levantar Cristo perante o mundo*»⁸. Mas nem sempre isso acontece, o que faz com que percamos muitas oportunidades

DR. SAMUEL RIBEIRO

Médico-pediatra, é 1.º ancião da Igreja Central de Lisboa.

Texto de uma pregação feita nesta Igreja em 12 de Janeiro de 1985

preciosas de conduzir almas ao Salvador.

Em certa localidade, um pastor adventista organizou um esforço de evangelização. Pôs nele todo o seu entusiasmo e competência, procurando explanar uma série de assuntos de grande actualidade e elevação filosófica e espiritual. Para sua grande alegria, constatou que entre a assistência se destacavam três cavalheiros muito interessados nas reuniões e que se sentavam, pontualmente, no primeiro banco. Assim aconteceu durante várias noites em que assuntos como «As mentiras do evolucionismo», «Daniel 2», «Apocalipse 13» e outros foram brilhantemente tratados. Inesperadamente, uma noite, os três cavalheiros não estavam no seu lugar e a sua falta repetiu-se durante várias noites, para grande tristeza do evangelista. Quando este já desesperava de os tornar a ver, eles voltaram com a mesma pontualidade, e assim se mantiveram até ao fim da série das reuniões. Na noite em que eles voltaram, o evangelista não se conteve e, à saída, questionou-os sobre as razões da sua estranha atitude: Alguma coisa lhes tinha desagradado? Não concordavam com as doutrinas expostas? Nada disso se verificara: «Nós desejávamos encontrar a Cristo e soubemos que numa igreja evangélica aqui ao lado se falava d'Ele. Por isso fomos primeiro aprender sobre Cristo e agora viemos para estudar as doutrinas!».

Prezados Irmãos: Precisamos mais de Cristo e menos de controvérsia! Temas como os 144 000, aspectos particulares da reforma da saúde ou problemas complexos da doutrina do Santuário podem ter o seu lugar. Mas o que nós necessitamos e o mundo carece é de Cristo! «*Precisamos muito menos de controvérsia e muito mais de apresentação da pessoa de Cristo. O nosso Redentor é o centro de toda a nossa fé e esperança*»⁹. Mas é mesmo? Como adventistas, que testemunho damos da nossa ligação com Cristo? Lembremo-nos que a melhor pregação é o exemplo de uma vida escondida com Cristo em Deus.

Neste aspecto, talvez nem sempre as conversas que trocamos, *sobretudo no Santuário do Senhor*, girem à volta da nossa ligação com Cristo. Delas depende, em grande parte, o testemunho que damos às pessoas que convidamos para assistir às reuniões. Damos muitas vezes demasiada importância à convivência social dentro da igreja, àquilo a que poderíamos chamar o clubismo ou folclore adventista.

Esquecemo-nos, assim, da única razão pela qual nos reunimos: Pregar a Cristo, estudar a Sua doutrina e dar a outros o testemunho daquilo em que acreditamos e das nossas vidas transformadas pelo Mestre.

«*Cristo e a Sua justiça — seja esta a nossa plataforma: a própria vida da nossa fé*»¹⁰.

Não há tempo a perder. São solenes os dias em que vivemos. «*Temos advertências para transmitir agora, um trabalho que agora podemos fazer, mas em breve será mais difícil do que imaginamos. ... A vinda do Senhor está mais próxima do que quando aceitámos a fé. O grande conflito aproxima-se do seu fim. ... O Senhor vem. Temos que preparar-Lhe*

o caminho mediante o desempenho da nossa parte em preparar um povo para esse grande dia»¹¹.

Apesar da premência da hora, devemos ter tacto ao apresentar verdades difíceis. «*Não se dá sopa de feijão seco a um recém-nascido*». É importante, também, chamar a atenção das pessoas para o facto de que a crise do mundo não é transitória. Mas dizer-lhes que há uma esperança, esperança essa que as pessoas devem acima de tudo adivinhar no nosso semblante e no nosso comportamento. É necessário muita sabedoria e unção do Espírito ao lidar com as almas até as levar a perguntar: «*Que é necessário que eu faça para me salvar?*».

Esta é a questão urgente da hora que passa. É urgente para nós, como crentes, e para aqueles que não têm a Cristo. E é também urgente a resposta que temos de dar como igreja: «*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo tu e a tua casa*»¹².

O mundo em que vivemos está cheio de bons projectos sociais, quase todos irrealizáveis:

- Saúde para todos no ano 2 000.
- Uma nova ordem económica mundial.
- Eliminação da fome através de uma agricultura revolucionária.
- Estabelecimento de uma paz duradoura, etc., etc..

Muitas igrejas, abandonaram mesmo a sua missão espiritual e estão viradas quase exclusivamente para os problemas sociais, na esperança de modificar a sociedade. Os homens pensam, assim, redimir-se pelos seus actos. *O espírito de Caím enche a terra*. É nesta hora dos mais risonhos e utópicos sonhos e da mais profunda escuridão que os homens mais precisam de Cristo. *Esta é, pois, a hora dos cristãos! Esta é a hora da igreja!* Como a Ester, Deus nos escolheu para um tempo como este¹³. Somos só membros da igreja adventista ou somos, também, cristãos? «*Estamos nós trabalhando em comunhão de interesses com Cristo?*»¹⁴.

Agora é o tempo e é para nós a mensagem: «*Deixemos todo o embaraço...*»¹⁵. «*De todo o coração agradecemos ao Senhor o possuímos luz preciosa para apresentar às pessoas e alegramo-nos em ter, para este tempo, uma mensagem que é a verdade presente. As novas de que Cristo é a nossa justiça produziram alívio a muitas, muitas almas e Deus diz ao Seu povo: AVANÇAI!*»¹⁶.

Avancemos na nossa carreira com Cristo!
Avancemos no nosso trabalho por Cristo e com Cristo!

A manhã eterna está próxima!

Em breve ouviremos as palavras do Senhor: «*Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor*»¹⁷. Que esta seja a experiência de todos nós e de todas as almas que trouxermos a Cristo com o nosso testemunho! Amén.

Referências:

1. E. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 68
2. *Ibid.*, pág. p. 69
3. Actos dos Apóstolos, 4:12
4. I Coríntios 1:17 e 18
5. E. White, *Evangelismo*, p. 25
6. *Ibid.*, p. 30
7. I Coríntios, 1:22-24
8. E. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 152
9. E. White, *Evangelismo*, p. 72
10. *Ibid.*, p. 190
11. *Ibid.*, p. 218
12. Actos dos Apóstolos 16:31
13. Ester 8:15-19
14. E. White, *Evangelismo*, p. 199
15. Hebreus 12:1 e 2 (p.p.)
16. E. White, *Evangelismo*, 192
17. Mateus 25:21

«Que Significa 'Ligar e Desligar'»

1.ª parte

ROBERTO BADENAS

À luz das Sagradas Escrituras e segundo o contexto histórico do tempo de Jesus, o Professor Roberto Badenas analisa os dois controversos textos de Mateus, e conduz-nos, com a sua característica habilidade, para o verdadeiro significado dos discutidos termos «ligar e desligar».

«E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus» — Mat. 16:19.

«Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu» — Mat. 18:18.

Há poucas passagens do Novo Testamento mais debatidas e com maiores repercussões teológicas do que Mateus 16:19 e 18:18. A tradição católica construiu sobre elas uma das suas doutrinas fundamentais sobre a autoridade da igreja. A tradição protestante tem-se esforçado por rebater a argumentação católica, mas nem sempre conseguiu resolver, de maneira convincente, os problemas postos pelos citados textos,

que ainda são considerados pelos comentaristas bíblicos como dois declaratórios suplicios exegéticos. Por isso, continuamos a perguntar-nos: Que quis dizer Jesus com «ligar e desligar»? Que tipo de autoridade conferiu Jesus a Pedro e aos demais apóstolos? Como podem os homens «ligar e desligar» nos céus?

Neste artigo não pretendemos dar uma resposta definitiva a estas perguntas. O que queremos é tentar aproximar-nos do texto bíblico à luz do seu contexto ideológico, averiguar na literatura rabínica antiga o que os contemporâneos de Jesus entendiam por «ligar e desligar», e ver se isso nos ajuda a entender esta enigmática expressão.

As Chaves do Reino dos Céus

Em Mateus 16:19, a faculdade de «ligar e desligar» é apresentada em estreita relação com o facto de se possuir «as chaves do reino dos céus», ao ponto de ambas as coisas parecerem sinónimas. Que significam as chaves que Cristo promete a Pedro?

Em todas as culturas, incluindo a bíblica, dar as chaves é um gesto mediante o qual se indica certa concessão de poder, de autoridade. Aquele que tem as chaves, detém o poder ou a autoridade sobre alguma coisa. Em Apocalipse 1:18, Cristo diz que Ele tem «as chaves da morte e do hades»¹

precisamente porque venceu a morte e tem autoridade sobre ela. E ao anjo que tem a quinta trombeta, em Apocalipse 9:1, «foi-lhe dada a chave do poço do abismo», como sinal de poder sobre os elementos.

O contexto de Mateus 16:13-23 evoca certas passagens do Antigo Testamento nas quais se descrevem chamados proféticos similares à comissão evangélica que Cristo deu aos Seus discípulos, e em que se usam imagens semelhantes a «ligar e desligar» e à entrega de «chaves».

Os textos que apresentam maior paralelismo com o objecto do nosso estudo são os de Jeremias 1:4-19 e Isaías 22:22.

Na passagem do chamado profético a Jeremias lemos o seguinte: *«Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares, e para derribares, e para destruíres e para arruinares; e também para edificares e para plantares»* (v. 10). *«Porque, eis que te ponho hoje por cidade forte, e por coluna de ferro, e por muros de bronze, contra toda a terra...»* (v. 18) *«e pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti...»* (v. 19).

E em Isaías 22:22, Deus diz, em relação com o chamado de Eliaquim, (v. 20): *«E porei a chave da casa de Davi sobre o seu ombro; e abrirá e ninguém fechará, e fechará e ninguém abrirá».*

Em ambos os textos fala-se da

ROBERTO BADENAS

Doutor em Teologia e Letras além de pastor. Actualmente exerce as funções de professor de Novo Testamento no Colégio Adventista de Sagunto, em Espanha

delegação de autoridade e de responsabilidade sobre os escolhidos de Deus, cujas acções aparecem, de certo modo, ratificadas e apoiadas por Deus².

Voltando ao Novo Testamento, em Lucas 11:52, Jesus Cristo chama «chave do conhecimento» à autoridade e responsabilidade que os chefes religiosos de Israel tinham em transmitir as verdades da revelação divina ao mundo: «*Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência (do conhecimento); vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam*».

Se compararmos este texto com Mateus 23:13, vemos uma correspondência muito estreita entre a responsabilidade dos escribas em abrir e fechar o acesso à verdade por meio da «chave do conhecimento», e a sua responsabilidade em «abrir ou fechar» o acesso ao «reino dos céus»: «*Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entráis nem deixais entrar aos que estão entrando*».

Na linguagem rabínica, a responsabilidade do mestre religioso compara-se com a responsabilidade daquele que tem a chave da salvação. O Talmude, em Shabat 31 ab, diz: «*O conhecimento da Tora é a possessão da chave*»³.

E em Sifre Deuteronomio 321 (comentando Deut. 32:25) diz, falando da autoridade que o escriba tinha ao tomar decisões de índole religiosa: «*Quando ele abre, ninguém fecha*».

Nos textos que vimos, Jesus acusa os escribas de que em vez de abrir aos homens as portas da salvação, eles «tiraram a chave», e nem eles entram no reino, nem deixam entrar os outros. Como líderes espirituais da comunidade de Israel, Deus tinha-lhes confiado «a chave».

Conheciam as Escrituras melhor que ninguém, o que lhes permitia não só entrar no reino dos céus, mas ajudar o povo a entrar também. Mas Cristo acusa-os de não cumprirem o seu dever. Não responderam, como Deus esperava, ao cumprimento da sua res-

ponsabilidade de abrir as portas do reino. Não apenas se obstinam em não entrar, mas também não deixam entrar os outros. Cristo, como Senhor da comunidade messiânica do novo Israel (esse Israel a que Jesus chama «minha igreja» em Mat. 16:18), vai transferir «as chaves do reino» (com tudo o que essa frase significa) a Pedro e aos demais apóstolos (Mat. 16:19; 18:18). Em que consiste a autoridade ou responsabilidade conferida a Pedro com «as chaves do reino dos céus»?

«Eu te Darei»

Nos tempos do Antigo Testamento, a lei de Deus tinha sido confiada, para aplicação dentro da comunidade civil e religiosa de Israel, aos sacerdotes e levitas. Eles representavam a autoridade da lei na terra. Os sacerdotes presidiam a vários tribunais em todo o país, com o tribunal supremo (ou Sinédrio) em Jerusalém, onde se apresentavam os casos mais graves e difíceis, segundo estava determinado em Deut. 17:8-12: «*Quando alguma coisa te for dificultosa em juízo, ... então te levantarás e subirás ao lugar que escolher o Senhor teu Deus, e virás aos sacerdotes e levitas, e ao juiz que houver naqueles dias, e perguntarás, e eles te anunciarão a palavra que for justa. E farás conforme o mandado da palavra que te anunciarão do lugar que escolher o Senhor, e terás cuidado de fazer conforme a tudo o que ensinarem. Conforme ao mandado da lei que te ensinarem, e conforme ao juízo que te disserem farás; da palavra que te anunciarem te não desviarás, nem para a direita nem para a esquerda...*»⁴.

Desde o tempo dos Macabeus até aos tempos pós-talmúdicos, a autoridade que tinha recaído anteriormente sobre os sacerdotes e levitas foi exercida também pelos *soferim* ou escribas, chamados por vezes «sábios» (*hakamin*). O Sinédrio, formado por membros de um e de outro grupo, pretendia ter recebido a autoridade de interpretar a lei directamente de Moisés, por via sucessora ininter-

rupta. A Mishna, em Abot. 1:1 diz: «Moisés escreveu a lei no Sinai e deu-a a Josué, Josué aos anciãos, os anciãos aos profetas, e os profetas entregaram-na aos homens da grande sinagoga. Estes ordenaram três coisas: sê imparcial no juízo, instrui muitos discípulos, e constrói um muro em torno da lei ...»⁵.

Dentro da «grande sinagoga», o *nasi* representava a mais alta autoridade e tinha o privilégio exclusivo de investir outros com a autoridade rabínica. Temos testemunhos da cerimónia de ordenação do *shemika* desde o 3.º século da nossa era⁶. O poder que a ordenação conferia (poder chamado *reshut*) consistia na faculdade de ensinar, julgar e conceder excepções em causas menores (ver Sanehedrim 5a). Flávio Josefo diz acerca dos escribas do tempo da rainha Alexandra que «eram os administradores reais dos assuntos públicos; eles *ligavam e desligavam* como lhes apetecia» (*Guerras Judaicas*, 1, 5, 2)⁷.

A «ordenação» de Pedro e dos outros discípulos adquire um novo significado quando a situamos dentro do marco dos costumes rabínicos que acabamos de mencionar. Jesus confere aos Seus discípulos uma autoridade semelhante, em certo sentido, à dos dirigentes de Israel.

Mas ao situar a igreja fora da esfera de autoridade da sinagoga, o poder dado por Jesus aos responsáveis da comunidade cristã, toma um carácter e uns matizes completamente novos. Há, portanto, elementos de continuidade e elementos de descontinuidade entre a maneira de entender a autoridade religiosa na sinagoga e na igreja⁸.

Em que consistia, então, essa «autoridade» ou função do dirigente espiritual?

Os mestres (ou Rabis) de Israel tinham uma tríplice autoridade, que consistia em:

1) Explicar a Tora (o Antigo Testamento e os seus preceitos legais ou rituais).

2) Aplicar as leis antigas a situações novas.

3) Transmitir as instruções baseadas na tradição.

Por outras palavras, a sua autoridade consistia no «poder ou direito de decidir no respeitante à lei, de interpretá-la nos casos duvidosos, de modificá-la, ampliá-la e inclusivamente anulá-la»⁹. As expressões «ligar e desligar» (em hebreu *asar we-hittir*) usadas pelos rabis na sua terminologia jurídica, aludem ao seu poder de proibir (*geeroth*) e de permitir (*takkanoth*) certas acções em relação com a lei, e também de «aceitar» ou «excomungar» membros da comunidade¹⁰.

Os teólogos cristãos têm interpretado o «ligar» (em grego *deenin*) e o «desligar» (em grego *luein*) de Mat. 16:19 e 18:18 de maneiras diversas¹¹. Todos estão de acordo em que a frase implica a concessão de alguma classe de autoridade, mas nem todos coincidem quanto ao alcance, à natureza e aos limites da mesma.

a) Alguns interpretam essa expressão de «ligar e desligar» em relação com João 20:22, e identificam-na com o poder de absolver pecados. Por exemplo H. Vorgrimler diz:

«Tratar-se-ia de um poder religioso global, geral (potestas universalis), o poder das chaves, idêntico ao poder de ligar e desligar, do qual o poder de perdoar pecados seria uma das facetas»¹².

Esta interpretação vai contra o resto dos ensinamentos do Novo Testamento (e dos ensinamentos rabínicos, é evidente), onde o poder de perdoar os pecados é considerado uma prerrogativa unicamente de Deus (ver, por exemplo, Marcos 2:7).

b) Outros, combinando a doutrina de poder do magistério eclesiástico com a terminologia rabínica, vêem no poder de «ligar e desligar» uma maneira de expressar a autoridade que a igreja tem para «excomungar» ou aceitar membros no seu seio¹³.

c) Os que pensam que Cristo usava uma expressão que os discípulos entendiam porque era comum no meio religioso em que se moviam, vêem na autoridade de «ligar e desligar», conferida por

Cristo aos Seus discípulos, um certo poder de «ensinar» e «administrar» dentro da comunidade cristã, tomando o posto que tinham em Israel os mestres da lei, mas em termos gerais e pouco específicos¹⁴.

Na literatura rabínica mais antiga (quer dizer, mais próxima da mentalidade do judaísmo nos tempos de Jesus Cristo), «ligar e desligar» significa geralmente «proibir e permitir», declarar algo proibido ou permitido, excomungar ou cancelar a excomunhão. Nesses textos rabínicos antigos, a expressão «ligar e desligar» aparece quase sempre relacionada com decisões jurídicas e legais, com interpretação de leis religiosas. O rabi «liga» quando declara o que estabelece a lei (ordena ou proíbe) e «desliga» quando permite (porque a lei o permite, segundo a sua interpretação), ou quando autoriza algo, apoiando-se, também na lei. Mas como diz J. Jeremias:

«Este especial uso de antónimos, baseado no carácter jurídico da literatura rabínica, não deveria fazer-nos perder de vista o facto de que se referem à autoridade que o juiz tem de penalizar ou eximir, para impôr ou levantar a excomunhão» (segundo Deut. R., 2 sobre Deut. 3:23)¹⁵.

O sentido das palavras «ligar e desligar» (em hebreu *asar we-hittir* ou em arameu *asar we-shra*), é essencialmente, o de impôr ou anular uma obrigação, por decisão da autoridade religiosa¹⁶. A questão é se essas palavras têm em Mateus o seu significado normal ou não. Ze'ev W. Falk demonstrou que o significado normal da expressão «ligar e desligar» (usada quase sempre em relação com a autoridade do rabi), é frequentemente a de «confirmar» ou «absolver» alguém da obrigação de um voto, ou de qualquer observância similar¹⁷.

Essa prática era muito comum nos tempos rabínicos, tanto que «no fim do primeiro século, até um grupo de três leigos era considerado competente para realizar essa função em lugar do mestre»¹⁸.

Isto faz-nos pensar que talvez Jesus, ao escolher os Seus discí-

pulos para que fossem Seus sucessores, lhe falou das suas futuras responsabilidades de dirigentes religiosos nos termos que lhes eram mais familiares, empregando uma expressão conhecida. Ao dar-lhes autorização de «ligar e desligar», Jesus parece ter transferido sobre Pedro (Mat. 16:19) e sobre os outros apóstolos (Mat. 18:18) uma faculdade semelhante à que até então tinha sido exclusiva dos escribas e mestres de Israel. Se esta suposição é correcta, Mat. 16:19 seria a prova de Cristo conferir a Pedro um poder similar ao que tinham os rabis em questões de interpretação da lei em casos particulares, e em matéria de aceitação ou rejeição de membros dentro da comunidade religiosa a seu cargo. Mas será correcto situar Pedro ao mesmo nível, ou no mesmo caso, que um mestre de Israel do século I?

Os mestres ou rabis tinham autoridade e eram consultados em casos litigiosos, devido à sua especial competência e conhecimento em matérias jurídicas relacionadas com as leis de Israel. Podemos nós dizer que a preeminência de Pedro também residia no seu conhecimento especial, ou na sua sabedoria superior? Não há nada no Novo Testamento que nos permita responder a esta pergunta afirmativamente. Portanto, a sua «autoridade» deve residir em algo diferente. A autoridade do rabi, vinha do seu conhecimento e do seu domínio da Tora. A autoridade do próprio Jesus Cristo, segundo as Suas palavras, vem apenas de Deus (João 5:19-29). Os Seus seguidores, portanto, só podem exercer autoridade em nome de Jesus Cristo, nunca em seu próprio nome.

Esta diferença entre o rabinismo e o cristianismo é fundamental. O evangelho mesmo de Mateus, no qual alguns querem fundamentar-se para provar que os discípulos receberam um poder semelhante ao dos dirigentes de Israel; rejeita categoricamente qualquer tentativa da parte dos discípulos para assumirem a posição de rabi: «Vós, porém, não

queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chamais vosso pai (como era comum fazer com os mestres), porque um só é o vosso Pai, que está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é Cristo» — Mat. 23:8-10.

A posição e a autoridade de mestre na igreja cristã está reservada exclusivamente a Cristo. Então, que tipo de poder confere Jesus aos seus discípulos com a faculdade de «ligar e desligar»? Em que sentido receberam os discípulos o poder de ensinar e disciplinar na comunidade cristã?

Notas e Referências

1. Todas as referências bíblicas (excepto as contidas em citações de outros autores são tomadas da versão Almeida, revista e actualizada em 1981.
2. Ver também Apoc. 3:7 e 20:1.
3. Sobre o simbolismo das chaves na literatura bíblica e rabínica ver J. Jeremias, art. «Keys» no *Theological Dictionary of the New Testament*, vol. III, p. 747 ss.; L. Ginzberg, *Legends of the Jews* (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1911-1939), vol. II, p. 34; vol. IV, p. 129 e 286; vol. VI, p. 304, 318 e 394; ver também os seguintes tratados rabínicos: *Deuteronomio Rabba* 7 (sobre Deut. 28:12); *Midras sobre o Salmo 78:25*; *Talmude Taan 2a, 2b*; *Shab. 31a, 31b*.
4. Ver Deut. 17:18; 31:9; 33:10; Jer. 18:18; Mal. 2:7; 2 Crón. 19:8, 11; 31:4.
5. Também diz o mesmo Flávio Josefo em *Antiquidades Judaicas*, XIII, 10, 6; 16, 2; x, 4, 1; *Contra Apion*, I, 8. Comp. com Mat. 15:2.
6. A. Adler e outros em *The Jewish Encyclopedia*, vol. II, «Rabinal authority», p. 337.
7. O sublinhado é nosso.
8. O sistema judaico de transferir a autoridade de uns chefes religiosos para outros mudou com o tempo. Quando, com a revolta de Bar Kokba, o sistema de ordenação rabínico cessou, a autoridade rabínica mudou de carácter, passando não já ao «escolhido» mas para o mais sábio, o melhor preparado. Mais tarde ainda, na

Idade Média, a autoridade foi transferida da personalidade dos mestres aos códigos de leis, dos quais o Shulham Aruch se converteu em autoridade oficial.

9. C. Adler, Loc. cit.
10. Ver Berachot 9, 5; 54a; 63a; Yoma 69a; Yeb 90b; Gitin 36b.
11. Béda Rigaux uma boa síntese da situação em «*Saint Peter in Contemporary Exegesis*», em *Concilium*, 3 (1967): 72-86
12. H. Vorgrimler, «Matthieu 16:18s. et le sacrement de la pénitance» em *L'homme devant Dieu* (Mélanges offerts au Père Henri de Lubac), (Lyon, Aubier, 1967), vol. I, p. 55; R. H. Fuller, *The 'Thou art Peter' Pericop and the Easter Appearances*, *Mc Cormick Quarterly* 20, (1967): 309-315
13. Esta é a interpretação comum na tradição romana: Tomás de Aquino, Karl Rahner, Henri de Lubac, etc.
14. Este ponto de vista é muito comum entre os protestantes: P. Billerbeck, Joachim Jeremias, Oscar Cullman, etc.
15. J. Jeremias, op. cit., p. 751
16. Ver *The Jewish Encyclopedia*, vol. III, «Binding and Loosing», p. 215. Como fontes rabínicas, ver *Moed Qaton 16a*; *Tosafot sobre Menahot 34b*; *Taan 12a*; *Hag 3b*.
17. Ze'ev Falk, «Binding and Loosing», *Journal of Jewish Studies* 25, (1974):92
18. *Nadarim 78b*; *Baba Baira 121a*; *Hagiga 10a*.

[Conclui no próximo número]

Os Factos Contra a Evolução

JEAN FLORI

Em 1971, quando a nossa casa editora francesa *Signes des Temps* publicou o nosso livro *Evolution ou Création?* [Evolução ou Criação?], o acontecimento passou quase despercebido no mundo científico. Tratava-se de uma crítica do evolucionismo, que alguns consideraram mesmo um trabalho bem documentado, mas que os adeptos do evolucionismo oficial não tomaram muito a sério. Imaginem! Os autores não eram professores universitários nem reconhecidos «especialistas» em Paleontologia ou Biologia! Simples trabalho de amadores! E nem se deram ao trabalho de refutá-lo, o que, diga-se de passagem, talvez não lhes tivesse sido fácil. Devido à personalidade dos autores e à sua filiação religiosa, o livro foi simplesmente qualificado de «inaceitável».

Ora, entre aquela data e 1982, apareceram várias obras de conteúdo nitidamente antievolucionista, da pena aguda de Jean Servier e aí os meios evolucionistas abalaram-se um pouco mais. Não muito, para dizer a verdade. Jean Servier é professor universitário, mas não é nem paleontólogo nem biólogo! É «apenas» etnólogo! Com que direito um etnólogo, mesmo de reputação mundial, ousa contestar o dogma evolucionista e criticar as ideias dos seus eminentes colegas muito mais versados do que ele nestas questões? E, também neste caso, embora as críticas se centrassem mais sobre os erros metodológicos e denunciassem (tal como nós o fizéramos) os *a priori* e as contradições do pensamento

evolucionista, não foram tomadas em grande consideração, devido à personalidade e posições anticonformistas do seu autor.

Mas agora o golpe foi mais forte! Efectivamente, em 1980, apareceu na editora Rusconi (uma das mais célebres de Itália), um livro intitulado *Dopo Darwin: Critica del Evolucionismo* [Depois de Darwin: Crítica do Evolucionismo].

Desta vez, os autores são personalidades bem «colocadas» e de grande nível. São especialistas que escrevem no seu próprio domínio de pesquisa «oficializada».

O primeiro, Giuseppe Sermoti, nascido em Roma, em 1925, já era conhecido dos meios científicos mundiais por ter publicado um grande número de trabalhos altamente especializados em Biologia, entre 1970 e 1980. Professor de Genética na Universidade de Perugia e director da «International School of General Genetics», foi escolhido como vice-presidente do XIV Congresso de Genética em Moscovo, em 1978. Estrela de primeira grandeza, como se vê!

O segundo, Roberto Fondi, nasceu em Pistóia, em 1943, e não fica muito atrás do seu eminente colega. É professor de Paleontologia na Universidade de Siena, onde as suas convicções antievolucionistas, nascidas das suas investigações científicas, lhe valeram, primeiro, ver-se destituído dos seus poderes docentes e por último ser privado dos seus créditos para pesquisa. Como não o podem excluir por causa

dos seus títulos académicos, procuram atingi-lo por estes meios. A tolerância, como se vê, não é regra nestes meios «científicos», e o clima não é agradável fora das veredas já bem estabelecidas. O sectarismo desapareceu há muito daquilo a que desdenhosamente se chamava de «seitas» para se instalar nas universidades onde se cobre com o manto da ciência «oficial» e «bem-pensante»: a ciência que quer a todo o custo que o homem e o macaco tenham um antepassado comum e que todas as espécies derivem umas das outras por filiação, a ciência que admite contra toda a razão a ideia absurda de que o Tempo (decididamente mais poderoso do que Deus!) tornaria miraculosamente possível aquilo que os biólogos constatam não ser possível; a passagem de um género ao outro, para não dizer de uma espécie à outra.

O livro a que nos referimos alcançou imediatamente um grande êxito, graças à celebridade dos seus autores. Logo no ano da sua publicação (1980), conheceu três edições sucessivas, e, actualmente, vai na 5.ª edição. A recensão de uma tal obra impunha-se!

Ora, aconteceu que ao participar recentemente num congresso de estudantes adventistas italianos, sobre o tema da evolução, tive a oportunidade de contactar pessoalmente com um dos autores do livro *Dopo Darwin*, o Professor Roberto Fondi. Também ele participava como convidado no mesmo congresso, não como Adventista — ele não o é! — mas como cientista antievolucionista.

O Prof. Fondi e eu tínhamos a responsabilidade de apresentar três comunicações. Como eu conhecia o seu livro e os títulos gerais dos temas que ele ia apresentar, calculava mais ou menos o que ele ia a dizer. E, tomando em consideração a sua superioridade no domínio da paleontologia (que geralmente eu exponho em reuniões deste género), decidi limitar-me a exposições críticas quanto aos aspectos metodológicos, embora correndo o risco de decepcionar o meu auditório, ávido de «factos», mas que eu sabia que iriam ser apresentados por Fondi.

E veio a sua exposição. Incisiva. Peremptória. Irrefutável. Mais afirmativa e radical do que jamais teríamos esperado!

O Prof. Fondi demonstrou com rara virtuosidade o absurdo total da teoria evolucionista e a sua manifesta inconformidade com os factos mais notórios da ciência paleontológica. Ora, devemos realçá-lo, a paleontologia é geralmente considerada como o trunfo mais sólido da teoria transformista. Alguns dizem mesmo que só por si a paleontologia *prova* a evolução.

«Ela prova exactamente o contrário!» afirma Fondi calmamente. E demonstra-o! Confesso que fiquei estupefacto, pois nunca, nem nos meus escritos, nem nas minhas palestras, eu ousara ir tão longe!

O livro *Dopo Darwin* trouxe-me duas importantes satisfações: uma de ordem pessoal e outra em relação com a nossa Fé.

1. Uma Satisfação Pessoal

Aquando da publicação do nosso livro *Evolution ou Création?* [Evolução ou Criação?], alguns estudantes adventistas manifestavam por vezes dúvidas sobre a validade da nossa argumentação, embora sem a contestarem. Diziam, referindo-se a Henri Rasolofomasoandro e a mim próprio: «São pessoas que gostam destes assuntos, que os estudam, mas não são especialistas!»

Pois bem, meus amigos, o Professor Fondi é um *autêntico* especialista! E ao ler o seu livro, tive a agradável surpresa de constatar que a argumentação em *Dopo Darwin* se parece como duas gotas de água, como aquela que usámos em *Evolution ou Création?* tanto no plano da crítica ao evolucionismo, especialmente nos domínios da paleontologia e da biologia. A mesma problemática, o mesmo desenvolvimento, as mesmas críticas, as mesmas referências e as mesmas conclusões.

Não resisto ao prazer de o demonstrar no que respeita às sessões de Geologia e Paleontologia, de que fui responsável. Roberto Fondi desenvolve no seu livro os seguintes argumentos que se encontram integralmente no nosso livro:

	Dopo Darwin	Crátion ou Evolution?
	Páginas	Páginas
Bases contestáveis da estratigrafia	158-159	78-79, 91-94
Lacunas estratigráficas:	152-155	83-85
Ilusão das árvores genealógicas	160	103 e seg.
Ausência de organismos significativos no precâmbrico	190 e seg.	106 e seg.
Inadequação da explicação desta ausência pelo metamorfismo	201 e seg.	110 e seg.
Inadequação da explicação desta ausência pela não conservação fóssil	203 e seg.	109 e seg.
Estabilidade de numerosas espécies e ausência de complexificação crescente nas camadas estratigráficas	209 e seg.	97 e seg.
Diversidade e complexidade das formas de vida câmbrias	222 e seg.	111 e seg.
Ausência de cadeias intermédias	233 e seg.	115 e seg.
Crítica às séries evolutivas (ex.: os équideos)	275 e seg.	115-134

Poderíamos mencionar também o enigma dos fósseis «actualmente vivos», as referências aos Dipnóicos, ao Archeopteryx, etc., etc. A concordância neste domínio é quase absoluta.

Devo ainda dizer que o meu amigo Henri Rasolofomasoandro, co-autor de *Evolution ou Création?*, poderia fazer as mesmas observações e aproximações entre a parte de Biologia que ele redigiu e a do Prof. Sermoniti, sobre o mesmo assunto, na obra italiana.

Em resumo: Torna-se evidente que a nossa crítica do evolucionismo, feita em 1971, era bastante pertinente. E é agradável ter disso provas, sobretudo quando nos são ministradas por duas sumidades científicas não adventistas.

Também me deu uma certa satisfação ouvir o Prof. Fondi dizer que tivera conhecimento do nosso livro havia algumas semanas e que se tratava de uma obra «sólida, honesta e prudente» ... por pouco, ele quase nos censurava essa excessiva prudência!

2. Uma Satisfação para a Fé

Repito, os autores do *Dopo Darwin* não são adventistas. Nem sequer são «criacionistas» no sentido que nós damos a esse termo. Por isso, eles não aceitam, evidentemente, o esquema explicativo que esboçamos na segunda parte do nosso livro. Esse esquema, tal como o apresentamos, era uma hipótese de trabalho destinada a ser modificada e afinada. O nosso trabalho, recordemos, era um trabalho de pioneiros!

Mas no que respeita à crítica que fizemos do evolucionismo, podemos constatar, dez anos depois, um acordo total. A todas as minhas perguntas ou sugestões sobre estes pontos, o Prof. Fondi respondeu que partilhava inteiramente o meu ponto de vista. Limitar-me-ei a três exemplos:

(1) O célebre celacanto

A ausência de celacantos fósseis nos estratos posteriores de Cretácio e a presença deles vivos, nos mares actuais, prova, entre outras coisas, que a ausência de uma espécie fossilizada num estrato geológico não significa de modo algum que essa espécie não existisse durante o «período» considerado. Temos, pois, o direito de postular a existência de seres humanos, por exemplo, nos estratos secundários. O Prof. Fondi aprova esta ideia. E vai inclusivamente mais longe e afirma a sua existência invocando marcas de pegadas humanas em determinados terrenos «muito antigos». Embora nós tivéssimos conhecimento dessas pegadas, isso parecia-nos «demasiado bom para ser verdade», demasiado questionável, e por isso o omitimos. Qual não teria sido a ironia dos nossos detractores se tivéssemos apresentado esses factos! Todavia, o Prof. Fondi, paleontólogo de profissão e de reconhecido prestígio, não hesita em aceitar como provas estas pegadas humanas fósseis!

(2) A *Neopilina Galathae*

A propósito da *Neopilina Galathae*, o Prof. Fondi chega às mesmas conclusões que nós: trata-se de uma prova do carácter anticientífico e especulativo da teoria evolucionista. O irracional não se encontra apenas entre os que crêem em algo acima do racional: em Deus, por exemplo, que não é irracional, mas que está mais além do alcance da razão. Aqueles que, pelo contrário, negam a existência de Deus, teriam que permanecer dentro dos limites do racional, porém, não o fazem.

(3) A raça humana

No que se refere à raça humana, que não quisemos abordar no nosso livro, reservando esse estudo para uma outra oportunidade, o Prof. Fondi partilha também o nosso ponto de vista: A maior parte dos caracteres ditos «primitivos», assinalados em esqueletos e sobretudo crâneos de homens «pré-históricos» (fronte fugidiva, proeminentes arcos supraciliares, ausência de queixo, etc. ...), foram muitas vezes exagerados aquando das reconstituições. Além disso, estes traços físicos peculiares podem ter uma explicação climática ou dietética. É uma «intuição» nossa que precisa de ser analisada. Convidamos médicos dietistas a enviarem-nos as suas sugestões sobre esta questão aberta ao estudo e à investigação.

Ao passo que nós não ousámos denunciar as «falsificações» e os «esquecimentos» de certos testemunhos paleontológicos, o Prof. Fondi não está com meias medidas. É categórico. Afirma que *por cada um* fóssil humano «recuperável» para a tese evolucionista (isto é, que apresenta caracteres «primitivos»), se encontram *dois ou três* que o não podem ser, e que são «esquecidos», voluntariamente ou não, de serem trazidos a público! Deveria, pois, fazer-se uma pesquisa muito séria entre os arquivos paleontológicos que consciente e voluntariamente se mantêm ocultos.

Não falaremos, para não ser violentos, das «falsificações» notórias, tais como a do homem Pilt-down, na qual sabemos hoje que o sábio padre Teilhard de Chardin participou de modo mais activo do que passivo. E não é o único caso em que cientistas pretensamente objectivos e racionais não hesitam em escamotear os factos, ou até em modificá-los chegando à pura e simples falsificação, para que se mostrem de acordo com os seus próprios preconceitos.

Em resumo: Tudo isto é muito animador para a nossa fé e o Prof. Fondi provavelmente nem sabe até que ponto me fez bem. Estou-lhe imensamente grato. É altamente estimulante ver como sábios da sua categoria, alimentados unicamente nas generosas úberes universitárias evolucionistas, rejeitam estas teorias por motivos estritamente científicos e com argumentos irrefutáveis.

Em 1939, o Prof. Lemoyne escrevia na *Grande Encyclopédie*: «O evolucionismo é impossível. É um dogma em que os seus sacerdotes já não crêem, mas que conservam para o povo.» Hoje, poderíamos dizer que o evolucionismo é um dogma insustentável, em que eles gostariam de continuar a crer, e que impõem ao povo. As dificuldades administrativas com que deparam os que têm a audácia de criticar este dogma é disso prova evidente. O totalitarismo sempre recorreu aos mesmos métodos, mesmo quando pretende ser intelectual. É tempo de denunciar mais esta forma de totalitarismo que, tal como as outras, mutila o pensamento, mutila o homem e transforma-o em mais de um rebanho.

No conjunto da obra *Dopo Darwin* — crítica do evolucionismo, e da minha troca de impressões com um dos seus autores, extraio as seguintes conclusões:

1. A evolução não é, de modo algum, um facto, apesar do que afirmam os defensores do transformismo oficial. É uma teoria que se impôs às mentes mais pela pressão social e intelectual que se exerce sobre os estudantes do que pela força convincente dos seus argumentos.

2. Em 1985, apesar da mencionada pressão e das crescentes dificuldades que tem de enfrentar um jovem para pensar de outro modo, existem investigadores capazes de constatar, *a partir de dentro*, que o edifício evolucionista está gretado. Louis Bounoure, o grande biólogo francês falecido há uns quinze anos, lamentava-se de ser o último professor de ciências de uma universidade que defendia ideias evolucionistas. Como ele se alegraria de constatar que outros, tal como ele e depois dele, chegaram às mesmas conclusões: o que nos ensinam os sábios evolucionistas não é tão sólido como querem apresentar-nos. Não é mesmo nada sólido.

Claro está que para questionar todo o sistema estabelecido tem de se estar fortemente motivado. Mas, pelo menos, argumentos intelectuais antievolucionistas não faltam.

3. É preciso estar-se motivado ... e ser corajoso! Se no século XIX não era seguro ser evolucionista, devido à intolerância e ao dogmatismo da religião dominante e absolutista, pode-se afirmar que hoje houve uma inversão do fenómeno. Nos nossos dias não é bom ser antievolucionista, porque a intolerância e o dogmatismo da ciência oficial não são menores que os das instituições religiosas do século passado.

Justa reviravolta das coisas, me dirão. Talvez. Mas, pelo menos, no século passado, a religião tinha como desculpa, ou como circunstância atenuante condenar uma ideia que se pretendia científica em nome de um dogma que se acreditava revelado. Ho-

je é pior, dado que é em nome da razão científica que se condenam os que ousam discordar.

Resta a consolação de que no meio deste universo fechado ainda existem Fondis ... que não hesitam em dizer: «O evolucionismo é contestável, isto é, não pode ser defendido dum ponto de vista racional...» Mesmo que isto lhes custe a excomunhão por parte do pensamento transformista e que se vejam excluídos da esfera universitária, apesar de os seus títulos académicos e os seus conhecimentos lhes terem dado o mérito de nela entrarem. Dados estes procedimentos, não é difícil imaginar que o simples facto de proclamar convicções antievolucionistas possa ter fechado as portas de acesso à docência universitária e aos centros de pesquisa a mais de um investigador de mérito.

4. Não temos de que envergonhar-nos da nossa posição doutrinal. Se o criacionismo não pode ser provado, o transformismo ainda o pode menos. Posso mesmo dizer que está em situação mais instável do que o criacionismo, embora se nos apresente como um sistema de pensamento que se basta a si próprio, fundamentado apenas em factos e leis científicas, com exclusão de todo e qualquer recurso a fenómenos desconhecidos ou irracionais (Deus) ou a leis diferentes daquelas que conhecemos.

Porém, nas suas próprias premissas, o transformismo é passível de crítica. Mesmo de «dentro», no campo que inclusivamente era apresentado como o seu mais sólido baluarte, aquele que pretendiam que trazia a única prova da evolução: a Paleontologia!

O paleontólogo, professor Doutor Roberto Fondi, afirma categoricamente: «A paleontologia prova exactamente o contrário...»

Esta é, também, a minha conclusão.

Curso de Doutrina em Oliveira do Douro 15-30 de Agosto de 1985

3.º Ano

Director do Curso PASTOR ERNESTO FERREIRA

Disciplinas:

1. Introdução ao Novo Testamento
Dr. Roberto Badenas do Seminário de Sagunto
2. Desenvolvimento Histórico das Doutrinas Adventistas
Pastor Ernesto Ferreira
3. Organização da Igreja
Pastor Ernesto Ferreira
4. Estudos Bíblicos e Técnicas de Evangelismo
Pastor José Manuel de Matos

Inscrições em Boletim próprio até ao fim de Junho



Inscrição	1 000\$00
Alimentação e Alojamento	7 000\$00

A Importância da Educação Cristã

Há muitos adventistas que consideram a nossa educação antiquada ou pouco diferente da educação doutros colégios que não se baseiam na doutrina cristã.

Não é correcto pensar desta forma. Muitos pais e igrejas têm visto os seus filhos enveredarem por maus caminhos; jovens que, noutros tempos, foram exemplos de fé e rectidão.

A doutrina em que se baseia a educação adventista é bíblica e reforçada pelo Espírito de Profecia.

Foi preparada por Deus para todas as épocas e com o único objectivo de ser a preparação harmoniosa e efectiva para esta vida e para a salvação eterna.

Satanás pretende, e infelizmente consegue-o muitas vezes, desviar os corações de pais e filhos para certas atracções que, embora importantes, são secundárias numa autêntica educação. Por exemplo: parques, edifícios, equipas técnicas, prestígio social, professores afamados, ginásios bem apetrechados, ensino gratuito, etc...

Desta forma, esquecem-se os objectivos da verdadeira educação que compreende a formação de seres humanos dotados de capacidade técnica, intelectual, social, moral e sobretudo, espiritual, que resista à corrupção actual em todos os aspectos da vida quotidiana.

Não há dúvida que, por vezes, surgem falhas em aspectos fundamentais, como o de escolas adventistas que não cumprem os seus objectivos, professores que não têm espírito missionário nas aulas, pais que dão prioridade a valores materiais e passageiros, igrejas que não consideram o tra-

balho da sua escola e não a apoiam em todos os planos, com todos os meios de que dispõem.

A educação adventista faz parte do plano de salvação, ordenado por Deus:

«Crede nos seus profetas, e se-reis prosperados» (II Crón. 20:20). — Raul Posse.

Publicamos a seguir um excerto de um artigo de Walter V. Brown, «O que é equilibrado em educação», publicado na revista *The Journal of Adventist Education*, de Abril-Maio de 1980. Walter V. Brown era então departamental de Educação da Conferência-Geral.

A Igreja Adventista do 7.º dia sempre sentiu necessidade de ter as suas próprias escolas. «Temos necessidade de escolas, a fim de que as nossas crianças recebam uma instrução, isenta de erros e falsas filosofias e uma educação de harmonia com os princípios da Palavra de Deus...» (*Testemunhos para os Ministros*, pág. 27). «Até ao fim, teremos necessidade de escolas e sempre haverá necessidade de educação. Porém, a educação, não deve absorver todo o nosso interesse espiritual...» (*Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 359).

Poderemos, então, perguntar:

Qual a melhor educação? O que é a educação cristã?

Em que princípios se devem basear as escolas adventistas?

Todo o programa educativo se deve *centralizar em Cristo*. «Porque n'Ele vivemos, nos movemos e existimos».

Como Deus Se revela na Sua Palavra escrita e no Seu livro que é a natureza e, como os escritos de Ellen White ajudam a interpretar os ensinamentos da Bíblia, então tanto a Bíblia como o Espírito de

Profecia devem ser elementos fundamentais da Educação Adventista e devem impregnar toda a instrução. Há três aspectos no ensino adventista que devem estar harmoniosamente entrelaçados.

A obra da redenção devia restaurar no homem a imagem do Seu Criador e fazê-lo voltar à perfeição com que havia sido criado, promovendo o desenvolvimento do corpo, da mente e da alma, para que levasse a cabo o propósito divino da sua criação. «Este é o objectivo da educação, o grande objectivo da vida» (*Educação*, pág. 13).

Portanto, uma educação equilibrada deve combinar o intelectual, o prático e o espiritual. O espiritual por sua vez deve ser parte integrante dos dois primeiros. Uma educação equilibrada não manda a alma à igreja, a mente à escola e o corpo ao trabalho. Os três aspectos têm de se combinar.

Uma educação equilibrada deve preocupar-se com o desenvolvimento de uma íntima relação entre professores e alunos e com o ensino através do exemplo. Deve levar os alunos a amar a Deus de tal forma que nada os impeça de partilhar as suas esperanças e crenças com os outros. Testemunhar deve fazer parte integrante de suas vidas. A educação equilibrada deve conduzi-los e prepará-los para o regresso de Jesus e para estarem com Ele na eternidade.

«A verdadeira educação é aquela que prepara as crianças e os jovens para a vida actual e para a vida que há-de vir, para a sua herança nesse país celestial» (*Fundamentos da Educ. Cristã*, pág. 328).

«A verdadeira educação não desconhece o valor do conhecimento científico ou literário porém, considera o poder como superior à informação; a bondade,

ao poder; o carácter, ao conhecimento intelectual» (*Educação*, pág. 225). Desenvolverá homens que não se vendam nem se comprem; homens que sejam sinceros e honrados; homens que não temam chamar pecado ao pecado, homens cuja consciência seja tão leal ao dever como a bússola ao pólo; homens que se mantenham do lado da justiça ainda que caiam os céus (*Ibid.*, pág. 57).

Uma escola adventista, que implementa a educação equilibrada, não terá nenhum rincão escuro

onde se omitam os valores espirituais. Cristo, a religião e o desenvolvimento do carácter cristão encontrar-se-ão nas aulas de Bíblia, de Física, de Literatura e de Matemática. Também se encontrarão nos programas culturais, nos programas de sábado à noite, no campo, na horta, nos laboratórios e nas actividades recreativas e desportivas.

Ninguém deve presumir que, pelo facto de as escolas adventistas porem a Deus em primeiro lugar, a sua qualidade intelectual é

inferior à das instituições seculares.

«Necessitamos de ser perseverantes e empenhados em alcançar o mais alto nível possível» (*Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 118). «O Senhor deseja que todos os professores, em nossas escolas, excedam em sabedoria, a sabedoria do mundo, porque eles estudam a Sua sabedoria [de Deus].» (*Ibidem*, pág. 517). As nossas escolas devem ser um «espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens» (I Cor. 4:9).

Estudos Sobre a Graça e a Lei

IV. Jesus, a Graça e a Lei

ARMANDO COTTIM

Quando o profeta Jeremias se referiu ao novo pacto disse:

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito; porquanto eles invalidaram o meu concerto, apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor.

Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.²

À luz deste texto, vemos mal qualquer tentativa de afirmação que os escritos do Novo Testamento eximem o Cristão da observância da Lei. Necessário se torna, portanto, a sequência dos nossos breves estudos, tratando, agora, a relação *graça-lei* no Novo Testamento.

Limitar-nos-emos, aqui, aos evangelhos, estudando a encarnação — onde sobressai a tomada de posição quanto à Lei — e o

chamado «mandamento do amor».

O facto de um dos membros da Divindade ter entrado na história do Homem, condescendendo em tomar a condição decaída da raça humana é, sem sombra de dúvida, uma manifestação de graça.

É, porém, sintomático que, logo no início do Seu ministério, Cristo tenha sentido dever tomar posição clara quanto à lei.⁴ Examinemos a afirmação central dessa tomada de posição:

Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido.⁵

Alguns pontos nos chamam a atenção, pelo que procuraremos clarificá-los. Assim, a expressão «a lei e os profetas» não pode referir-se senão à totalidade das revelações do antigo pacto,⁶ a exemplo do que acontece noutros textos.⁷

No versículo 17, os termos «destruir» e «abrogar» correspondem a um mesmo vocábulo grego⁸ cujo significado é «anular», «abolir»,⁹ e que, curiosamente, se encontra em oposição com «cum-

prir», palavra cujo sentido original é «dar plenitude».¹⁰ Cristo deu plenitude, segundo diz Archibald T. Robertson, «à lei cerimonial, que apontava para ele, e à lei moral, a qual observou.»¹¹

A única modificação que podemos registar como levada a cabo por Jesus no que respeita à observância da lei é, paradoxalmente, um endurecimento, em comparação com a observância farisaica, que pretendia ser rigorosa.

Na sequência da afirmação sobre a qual nos temos vindo a debruçar, Jesus afirmou: «Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.»¹²

O Sermão da Montanha — já considerado como sendo a *torah* (instrução) do Novo Testamento¹³ — não representa uma diminuição de «exigências, em relação com a Torah, mas um aumento.»¹⁴

Cristo, manifestação por excelência da *graça*, pede, aos Seus seguidores, uma observância da lei mais estrita que a proposta pelos Fariseus.¹⁵ O *novo pacto* torna-se, assim uma interiorização do antigo,¹⁶ tal como afirmara Je-

remias. A diferença reside em que «na nova aliança, a Lei não se acomoda simplesmente a uma obediência mecânica, de gestos sem vida; ela diz respeito ao ser humano inteiro, até aos seus mais secretos recônditos.»¹⁷

Dada ao Homem para permitir esta vivência, a *lei* volta, com Jesus, a ser um acto de *graça*, facto que ficara em «hibernação» nas mentes dos receptores do antigo pacto.

Com o passar dos anos e o estudo progressivo das Escrituras, os mestres judaicos contaram, no Pentateuco, «365 proibições e 248 ordens; ao todo, 613 mandamentos.»¹⁸

A esta tendência, para o desenvolvimento cada vez maior das indicações relacionadas com particulares, dá Jesus a resposta ao agrupar todos os mandamentos específicos em dois, dos quais afirma que depende toda a revelação anterior à Sua encarnação.¹⁹

Estes dois mandamentos semelhantes, que podem receber o título genérico de «mandamento do amor», levam-nos, por um conjunto de factores, a ver ainda mais claramente a relação existente entre a *graça* e a *lei*.

Parece paradoxal que o amor seja objecto de uma ordem. Quando, porém, compreendemos que a lei (*torah*) não é um código legal, mas uma instrução dada como demonstração da *graça* divina, o paradoxal transforma-se em lógico. Além disso, o Deus que ordena é o Deus que dá; razão pela qual pode ordenar. Diz Daniel von Allmen que «Aquele que ordena o amor, começou por dar esse amor.»²⁰ A própria encarnação de Cristo é prova suficiente que Deus dá amor antes de o pedir.

A estruturação de um código legislativo, levada a cabo pelos judeus, tornara a *torah* (instrução, lei) num todo rígido, externo ao ser humano e fácil de contornar.²¹ Com a apresentação dos dois mandamentos, Cristo liberta a vontade revelada de Deus de toda a rigidez com que os seres humanos a queriam restringir, tornando-a um factor de *graça*.²²

O dom da Lei deve, portanto, ser compreendido como uma intervenção concreta de Deus na vida e na história do seu povo. Intervenção com a qual Deus guia o seu povo em direcção a uma descoberta e uma obediência sempre afinadas pela sua vontade.²³

Por outras palavras, o doador da *graça* é o doador da *lei*, lei essa que, sendo uma instrução regida pelo amor, é também um acto de *graça*.

Jesus inscreve-Se, assim, dentro da mais pura tradição do Seu povo, não farisaica mas escriturística.²⁴

A posição de Jesus Cristo com respeito à relação entre *graça* e *lei* é, assim, de um perfeito equilíbrio, não correspondendo a nenhum abaixamento do ideal original.

Jesus não veio «colocar os homens sob o jugo de uma nova lei, que teria que ser aplicada como se de escravos se tratasse — mesmo que essa lei fosse o 'mandamento de amor'. Testemunha do amor do Pai, Ele transporta os Seus discípulos num movimento irresistível: o amor engendra o reconhecimento, que é amor.»²⁵

Só que, como diz Dietrich Bonhoeffer, «um agradecimento a Deus que não vem de um coração obediente, é hipocrisia e insolência.»²⁶

A crítica que Jesus claramente faz, nos evangelhos, não é dirigida à lei mas ao legalismo, porque

este cria um obstáculo à prática correcta da lei. Ele tem como objectivo valorizar a *lei*, despiendo-a dos comentários da tradição rabínica que a sobrecarregavam.²⁷

No aumento de rigor, quanto à observância da *lei*, pedido por Jesus aos Seus seguidores, podemos ver a *graça* divina, o amor paternal²⁸ de um Deus a quem não basta uma meia-observância à *lei*. Em sua *graça*, Ele quer o ser humano todo.²⁹

Bibliografia

- 1 *Novo Pacto* é outra tradução possível para *Kainé diatheké*, expressão grega geralmente traduzida por *Novo Testamento*.
- 2 Jeremias 31:31-33
- 3 Cf. J. M. Myers, *Grace and Torah*, (Philadelphia; Fortress Press, 1975), p. 39
- 4 Cf. Mateus 5:17-48
- 5 vs. 17, 18
- 6 Cf. L. Bonnet e A. Schroeder, *Comentario del Nuevo Testamento*, vol. 1, (Buenos Aires; Casa Bautista de Publicaciones, 2.ª ed., 1974), p. 97
- 7 Cf. Mateus 7:12 e Lucas 16:16, entre outros.
- 8 Referimo-nos ao termo *Katalusai*, aoristo de *Kataluo*.
- 9 Cf. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Christian Literature*, (Chicago; The University of Chicago Press, 1957), p. 415
- 10 Cf. William Carey Taylor, *Dicionário do Novo Testamento Grego*, (Rio de Janeiro; Casa Publicadora Batista, 4.ª ed., 1965), p. 117
- 11 A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. 1, (Nashville, Tenn.; Broadman Press, 1930), p. 43
- 12 Mateus 5:20
- 13 J. M. Myers, *op. cit.*, p. 39. Cf. Apostolos Makrakis, *The Interpretation of the Gospel Law Commentary on the Epistle to the Hebrews*, (Chicago; The Orthodox Christian Educational Society, 1955), pp. 1-136
- 14 Claude Tresmontat, *L'Enseignement de Ieshoua de Nazareth*, (Paris; Le Seuil, 1970), p. 140
- 15 Cf. por exemplo Mateus 5:21, 22. Ver, também, Daniel von Allmen, *l'Evangile de Jesus Christ*, (Yaounde, Cameroun; Editions CLE, 1972), p. 258
- 16 Jacques B. Doukhan, *Boire aux Sources*, (Dammarie-les-Lys; Editions SDT, 1977), p. 105
- 17 *Idem*, p. 107
- 18 H. Gaubert, *La Vie Sociale en Israël*, (s.l.; Maison Mame, 1972) p. 202
- 19 Mateus 23:34-40
- 20 Daniel von Allmen, *op. cit.*, p. 262
- 21 Cf. J. Bonsirven, *Textes rabbiniques des deux premiers siècles chrétiens pour servir à l'intelligence du Nouveau Testament*, (Rome; Institut Biblique Pontifical, 1954), pp. 148-189
- 22 Cf. Marcos 2:27
- 23 D. von Allmen, *op. cit.*, p. 259
- 24 Em teoria também alguns dos fariseus pensavam assim, facto que chega a transparecer no N.T. e no Talmud (Cf. Marcos 12:32-34 e *Sanhédrin* 74 a)
- 25 D. von Allmen, *op. cit.*, p. 263
- 26 D. Bonhoeffer, *Si je n'ai pas l'amour...*, (Genève; Labor et Fides; 1972), p. 23
- 27 Cf. Hans Conzelmann, *Théologie du Nouveau Testament*, (Genève; Labor et Fides, 1969), p. 133
- 28 Cf. Lucas 15:11-32
- 29 Cf. H. Conzelmann, *op. cit.*, pp. 132, 133

Uma Revista Adventista em cada lar

NOTÍCIAS do campo

Inauguração da Nova Sala de Rio Maior

Há cerca de dois anos e meio, arranjámos a casa velha, onde tínhamos as nossas reuniões, aqui em Rio Maior. Dei-



Inauguração da nova sala de Rio Maior

támos uma parede abaixo e arranjámos os interiores. O telhado também já estava muito degradado, mas não pusemos novo, por sair muito caro e não haver dinheiro.

Quando este inverno se aproximou, todos tínhamos que nos iria chover em cima. E assim foi. Começou a chover muito e as salas ficaram completamente encharcadas e a chuva caía-nos em cima. Os tectos começaram a cair.

Vimos que não poderíamos passar lá o inverno e teríamos de procurar casa.

Duas irmãs ainda saíram um dia à procura mas voltaram muito desanimadas. Todos queriam vender e por alto preço.

Um dia, um irmão disse-nos que havia uma casa com escritos e que poderia servir para a igreja. Quando contactaram o proprietário ele disse que já a tinha arrendado no dia anterior. Os nossos irmãos ficaram muito desapontados, e o senhorio também manifestou pena, dizendo que tinha preferido arrendar-nos a nós.

Passados dias, o irmão Mário recebe um telefonema do tal senhorio, dizendo para ir falar com ele, pois que a pessoa a quem tinham arrendado a casa, nunca mais tinha aparecido.

Não há dúvida que foi Deus quem interveio neste caso, dando-nos assim o privilégio de O adorarmos num lugar mais confortável.

Começaram-se a fazer os arranjos interiores e a separar uma sala para os juvenis e outra para os primários.

No dia 11 de Maio deu-se a inauguração e dedicação desta casa a Deus.

Agora que já temos boas instalações podemos-nos dedicar ao trabalho missionário e convidar pessoas amigas. Que Deus toque o coração de cada membro para que seja uma luz no meio da escuridão que nos cerca.

Isabel Nobre Cordeiro

O Fundão Inaugura o Baptistério

É verdade. Foi mais rápido do que aquilo que se esperava. Graças a Deus que mesmo nestes dias tão difíceis ainda podemos ver a intervenção do céu nos assuntos da Sua igreja aqui na Terra. Enquanto fazíamos planos para a inauguração do baptistério lá mais para o Verão, eis que o Senhor achou por bem «falar alto» e assim o irmão João Ribeiro foi «convidado» pelo Senhor para apressar o dia do seu baptismo. E com satisfação o irmão João Ribeiro disse sim ao Senhor e no passado dia 16 de Março o baptistério da jovem igreja do Fundão foi inaugurado.

A sala estava praticamente cheia e muitas almas tiveram a oportunidade de ver pela primeira vez um baptismo segundo a ordem do Senhor Jesus Cristo. No fim o irmão João Ribeiro animado pela presença do Espírito Santo deu o Seu testemunho que tanto apreciámos e que certamente serviu para tocar o coração daqueles que também querem um dia viver com Cristo na eternidade.

Louvamos e bendizemos a Deus pela Sua presença nestas terras tão difíceis da Beira Baixa.

Reinaldo dos Santos
Ancião da Igreja

Notícias de Braga

Seguindo a ordem de Nosso Senhor Jesus «Ide e ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», teve lugar, no dia 25 de Maio p.p., uma bela dádiva do Céu, pois seis preciosas almas decidiram seguir a Cristo.

A sessão baptismal teve lugar na Igreja de Delães que se encontrava repleta de irmãos e visitas vindas de Braga, Vize-la, Arcos e Delães.

Ao apelo, cerca de duas dezenas de pessoas manifestaram o desejo de se preparar para num futuro próximo passarem pelas águas do baptismo. Estamos procurando que mais almas possam ser agregadas às que no momento se preparam para a Vinda do Nosso Salvador.

Aos Jovens Raquel Alexandre, Maria Fernanda, Madalena Mendes, Ana Cristina, Carlos Simões e Joaquim Almeida desejamos que continuem fiéis até ao fim e que o Senhor derrame o Seu Santo Espírito nestas Terras Minhotas para que muitas almas possam encontrar a verdade!

Daniel C. Martins
Pastor distrital de Braga



Batismo do irmão João Ribeiro

Notícias das Igrejas do Porto e Ermesinde

No dia 20 de Abril, tivemos a satisfação de mergulhar nas águas baptismas 3 irmãos da igreja de Ermesinde: 1 casal e 1 jovem. O sábado 25 de Maio foi um sábado de grande festa para as comunidades do Porto e de Ermesinde. Nesse dia, consagrado ao baptismo do Desbravador, tivemos, pelas 17 horas, com a presença do Pastor Morgado, uma cerimónia baptismal na Igreja do Porto na qual 14 almas deram público testemunho da sua fé, através do baptismo: 4 adultos e 10 desbravadores, sendo 6 do Porto e 4 de Ermesinde. A Igreja do Porto estava repleta, como repletos de alegria estavam todos os corações presentes: alegria transbordante, o que não impediu que em muitos rostos corresse lágrimas em abundância. Esta alegria era, porventura, o eco da «muita alegria no céu por um pecador que se arrepende».

De Janeiro a Abril tivemos, na Igreja do Porto, um curso de Obreiros Voluntários. Foram estudados 16 temas basilares da Fé Cristã dum modo diferente do habitual. Cada um desses temas foi apresentado pelo Pastor no sábado de manhã, perante toda a Igreja; e, de tarde, esse mesmo tema era apresentado por um dos obreiros voluntários inscrito no curso, em género de estudo bíblico. A julgar pelos comentários feitos pela maior parte desses obreiros voluntários, creio poder afirmar que esta foi uma experiência muito positiva.

Ainda durante o mês de Abril foram distribuídas algumas centenas de cartões de inscrição para o curso «A Bíblia Responde», num bairro do Porto, previamente escolhido. Como resultado, temos, neste momento, 20 pessoas a fazerem o curso. Está planeada uma sementeira mensal destes cartões de inscrição, de sorte que, até ao fim do presente ano, contamos poder envolver todos os nossos obreiros vo-

luntários numa autêntica cruzada missionária.

De acordo com a afirmação de S. Paulo em I Cor. 12:1, sentimos que não devemos deixar a nossa Igreja na ignorância acerca dos dons espirituais, uma vez que cada um tem pelo menos um dom espiritual e devemos ajudar esses membros a descobrir os seus próprios dons espirituais. E não é através de visões ou so-



Sábado, 25 de Maio. 14 novos irmãos das Igrejas de Ermesinde e Porto



Dia 20 de Abril. 3 novos irmãos na igreja de Ermesinde

nhos que estes dons ou talentos se descobrem. É, antes, através da acção missionária num espírito de oração. Ninguém poderá ou deverá dizer, por exemplo, que não tem o dom de dar estudos bíblicos se não tentou fazê-lo pelo menos durante um ano ou dois seguidos. Para que esse dom se manifeste há necessidade de que ele seja despertado e desenvolvido.

Nas Igrejas grandes, como a do Porto, há o perigo de nos deixarmos absorver pelos problemas internos que muitas vezes consomem todas as nossas energias por causa dos atritos que se criam; mas devemos todos preocupar-nos, noite e dia, com os milhares e até milhões de pessoas que se encontram ainda fora do redil do Bom Pastor. É necessário, pois, que despertemos do sono letárgico da indiferença ou do comodismo e utilizemos, para edificação do corpo de Cristo, os dons que o Espírito põe à disposição da Igreja.

Juvenal Gomes
Pastor das Igrejas do Porto
e Ermesinde

Notícias de Vila Real

«Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento.» *Ecle. 12:1*

Num bonito dia de sábado a igreja de Vila Real uniu-se mais uma vez em festa, iriam descer às águas baptismas 4 jovens.

O Senhor abençoou-nos com um bonito dia de sol o que contribuiu para que tudo corresse da melhor maneira, uma vez que os jovens fizeram questão de serem baptizados num curso de água ao ar livre, onde a temperatura é um factor importante, e também porque a nossa sala não dispõe de baptistério nem local para receber as 100 pessoas que vieram assistir, dentre as quais 60 eram visitas não baptizadas. Tivemos connosco a presença de 16 irmãos da Igreja de Avintes, e os restantes da zona de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Por volta do meio dia demos início à nossa cerimónia baptismal com o culto feito pelo pastor Mário Brito.

Aqueles que selaram o seu pacto com Jesus foram: Anabela de Fátima S. Mesquita, filha da nossa irmã Jenny que conheceu a mensagem em Angola; Isabel Maria V. Matos que entrou em contacto com a Igreja Adventista através do programa de rádio «Voz da Esperança» e posteriormente foi instruída pelos irmãos Brito; Stella Raquel Dias Alves, filha dos nossos irmãos Alves que, devido ao seu bom exemplo, contribuíram em grande medida para a sua decisão; José Manuel Cachão Salgado Torres que entrou em contacto com a igreja através da mãe.



Os novos irmãos e o Pastor Brito e Esposa

Para finalizar o Pastor Mário Brito fez um apelo a todas as visitas que quisessem entregar o seu coração a Jesus, e foi com imensa alegria que vimos cerca de trinta almas responderem ao apelo de se prepararem e um dia virem da mesma maneira, testemunhar a sua fé através do baptismo.

A seguir ao almoço de confraternização em que todos participaram efectuou-se uma bela reunião de testemunhos.

Pelas 21h efectuou-se uma festa dedicada às mães e que foi preparada pelos jovens consistindo na peça «Zingara Cristã», vários hinos e poesias.

Que o Senhor continue abençoando o trabalho que se vem realizando nesta região transmontana é o nosso sincero desejo.

Isabel de Matos e Anabela Mesquita



Pessoas que responderam ao apelo de se prepararem para fazer o seu pacto com Jesus

Notícias de Oliveira do Douro

Estimados Irmãos em Cristo:

Ao escrever esta epístola (escolar), é nosso objectivo informar-vos acerca dos progressos e carências desta instituição.

Encontramo-nos já a caminho do fim do ano lectivo. No nosso horizonte desenharam-se claramente as inúmeras bênçãos derramadas por Deus. Sentimos que o Senhor nos visitou e habitou entre nós.

Tal como no ano anterior, temos o grato privilégio de acompanhar vários jovens em classes de Estudos Bíblicos, especialmente criadas para eles, em períodos pós-aulas. Assim, damos graças a Deus pelo interesse mantido até aqui e por contarmos com cerca de trinta e cinco participantes que vêm recebendo esses estudos. Já no ano lectivo de 1983-84 podemos contar com um grupo de cerca de quarenta e cinco jovens (adventistas e não-adventistas) que, assistindo regularmente, finalizaram a série de estudos. Destes, cerca de quinze vieram a baptizar-se nas várias igrejas da área Norte.

Este ano também contamos com a presença de uma nova Preceptora, vinda das nossas escolas do Brasil, bem como o maior número de alunos internos tido até aqui. Esperamos, no próximo ano lectivo, dispôr da última fase do Internato (2.º Andar), o que elevará a capacidade do mesmo para setenta lugares.

A nível do pomar pudemos concluir a construção do muro que irá preservar os bens criados e tratados ali.

Todos os nossos interesses visam essencialmente o avanço desta Escola em direcção ao ideal proposto pelo Senhor.

Projectos, como o da criação de uma pequena indústria de produtos alimentares ou de aproveitamento dos nossos terrenos a nível agrícola, estão na nossa mente. Porém, a realidade actual limita esses projectos e não nos permite alcançar etapas de maior desenvolvimento que beneficiariam os alunos e a Escola. Por exemplo, neste momento, não podemos conceder senão algumas bolsas incompletas a alunos necessitados e que desejam trabalhar.

Devido, pois, à condicionante económica, vimos solicitar a vossa ajuda para três projectos específicos:

1. A compra de um pequeno tractor.
2. A compra de um forno para cozer pão.
3. A compra de uma descascadora industrial.

Os irmãos que desejarem participar em qualquer destes projectos poderão enviar as suas dádivas, especificando-as. A direcção é:

Externato Adventista de Oliveira do Douro
Rua do Jorgim, n.º 166
Oliveira do Douro
4400 Vila Nova de Gaia

Esperamos, assim, que o vosso coração e o nosso se unam no mesmo propósito. Que o Senhor seja glorificado no avanço da obra da Educação em Portugal e que inúmeras bênçãos sejam derramadas sobre vós.

Deste vosso irmão e amigo em Cristo

Rogério Paulo Nóbrega
Preceptor do Internato

Artigo preparado para a Revista Adventista, dentro do plano de ajuda financeira à Escola de Oliveira do Douro

Dia de Baptismos em Espinho

Foi no dia 18 de Maio, pelas 16h, que Espinho teve a sua última cerimónia baptismal integrada na campanha Mundial dos 1000 dias de Colheita.

O dia foi de festa, pois baptizaram-se 8 novos irmãos com idades compreendidas entre os 12 e os 71 anos de idade. Pode-se ver que os juvenzinhos eram «filhos» da igreja, que com a ajuda dos seus pais e do Pai Celestial tomaram a sua decisão, segundo o exemplo da escola dos profetas. Entregaram-se também ao Se-

nhor 2 jovens, que contra a vontade de seus pais não Adventistas, frequentaram a igreja e se uniram em matrimónio no dia 19 de Maio p.p.. Por último tivemos um irmão de 71 anos, que apesar da idade avançada e de muito ter esperado, segundo opinião dele, dava louvores ao Senhor por este belo momento.

Enfim tudo o que se pode dizer por poucas palavras, embora muito fique por dizer, mas a vida do cristão começa por este belo momento, desejamos pois uma vida cristã repleta de bênçãos para estes novos irmãos e para toda a família Adventista que agora está mais enriquecida.

Vosso irmão em Cristo,
Sidónio Novo



Os novos irmãos da igreja de Espinho ladeados pelo pastor Carlos Cordeiro e esposa

Concurso Bíblico

— Fase Nacional —

De acordo com uma sugestão feita pelo júri que o ano passado presidiu ao Concurso Nacional, repetimos este ano um Concurso Bíblico que tinha, por tema especial os livros de *Exodo*, *Isaías* e *João*.

Realizadas as fases local e regional nas datas marcadas, teve lugar no dia 19 de Maio na Igreja da Figueira da Foz, a fase nacional do Concurso.

Das provas realizadas surgiram os dois vencedores nacionais:

João Carlos Fernandes Graça 1.º
Paulo Peixoto 2.º

ambos da Igreja de Coimbra.

O júri foi constituído pelos pastores: Daniel Silva, Carlos Cordeiro e José Carlos Costa.





Actividades dos Jovens

Verão de 1985

Acampamentos Nacionais:

- ★ **Acampamento de Tições**, de 21 a 31 de Julho.

Preço: 2 500\$00, enviando a inscrição acompanhada de 500\$00, até ao 10 de Julho.
3 000\$00 — inscrição a partir dessa data.

- ★ **Acampamento de Famílias**, de 1 a 11 de Agosto.

Preço: 3 000\$00, enviando a inscrição até ao 10 de Julho.
3 500\$00 a partir dessa data.

- ★ **Acampamento de Jovens**, 11 a 21 de Agosto.

Preço: 2 500\$00, enviando a inscrição até ao 10 de Julho.
3 000\$00 a partir dessa data.

- ★ **Acampamento de Desbravadores**, 21 a 31 de Agosto.

Preço: 2 500\$00, enviando a inscrição até ao 10 de Julho
3 000\$00 a partir dessa data.

Para informação de todos quantos desejam participar nos Acampamentos de Verão, na Costa de Lavos, apresentamos as seguintes condições:

- 1.º Só farão parte os jovens que tenham a idade para o respectivo acampamento, com excepção dos dirigentes.
 - a) Tições: 6 aos 11 anos
 - b) Desbravadores: 12 aos 16 anos
 - c) Jovens: 17 aos 30 anos.
- 2.º Os jovens devem ser recomendados pelos pastores das respectivas igrejas.
 - a) A recomendação só deve ser dada a jovens que frequentem regularmente a igreja.

[Informações do Departamento da Juventude Adventista da União Portuguesa.]